



SER MULHER EM MEDICINA

A pesar da dramática mudança na mentalidade ocidental, ser mulher, no século XXI é mais exigente do que nos tempos em que a mulher, ser alegadamente mais frágil, menos inteligente e sem acesso à educação, era apenas e só a dona de casa que cuidava do lar e dos filhos.

A revolução industrial criou condições para que a mulher saísse do lar e começasse a trabalhar fora de casa. O seu acesso progressivo à instrução abriu-lhe um vasto leque de oportunidades, e criou condições cada vez mais favoráveis para a sua inserção nos mais diferentes ramos de atividade.

Com o passar do tempo, fomos assistindo a mudanças fundamentais no papel social da mulher. Ela foi, não só tomando para si outras funções no mercado de trabalho, como foi sendo capaz de assumir cargos de comando e liderança, que antes eram atribuídos, em exclusivo, ao homem.

No século XXI, a mulher no mundo ocidental, consolidou definitivamente o seu papel na sociedade. A nível profissional, posiciona-se ao mesmo nível do homem. Como ele, ela tem um ou mais empregos, tem responsabilidades, paga contas, contribui de igual forma para a economia familiar, não sendo, raras vezes, o seu único sustento.

Contudo, para lá chegar e provar o que vale, a mulher tem de trabalhar mais. Tem que ultrapassar o preconceito e a discriminação de uma sociedade ainda sexista, carregada de estereótipos, para os quais ainda contribuem, infelizmente, muitas mulheres. O inconsciente coletivo está ainda, lamentavelmente, repleto de ideias pré-concebidas sobre o papel da mulher na sociedade. A mulher, no seio de muitas famílias, não se libertou ainda da obrigação cultural das tarefas domésticas e acumula-as com o seu emprego e com os cuidados aos filhos, ficando, muitas vezes, sobrecarregada.

Isto traz-lhe, contudo, algumas vantagens. Dá-lhe a capacidade de ser multifacetada, de executar uma grande diversidade de tarefas ao mesmo tempo, dá-lhe capacidade organizativa e versatilidade. E tudo isto é necessário para ser mulher, médica em Portugal, hoje.

A dedicação do médico ao seu doente, o ênfase colocado no cuidar do outro, a paixão, a sensibilidade, a humanidade, o espírito de sacrifício, são de fundamental importância na carreira médica.

Mas isto colide frequentemente com a vida pessoal e é, por vezes, gerador de situações de conflito interno entre carreira e família.

Alguns dos dilemas que se colocam a uma jovem médica não são mais do que o reflexo de uma sociedade imbuída ainda de um espírito preconceituoso. Qual a especialidade que mais se adequa a uma médica que queira formar família? Qual o melhor timing para a maternidade? Como lidar com a questão do direito à licença de maternidade e amamentação, correndo o risco de ser mal vista pelos colegas que ficam mais sobrecarregados? Ou com o medo que a maternidade afete a progressão na carreira, nomeadamente académica, e o acesso às mesmas oportunidades que o homem médico?

Ser mulher e ser médica é ser forte. É ter a capacidade de assimilar e sublimar estados de alma; de ir buscar ao mais íntimo do seu ser forças que acredita já não ter, aquela réstia de esperança, quando tudo parece perdido, aquele impulso final para alcançar o seu propósito. É encontrar pontos de equilíbrio. Saber fazer, em cada momento, um balanço aceitável entre família e carreira, fazer uma avaliação regular das prioridades, ter sempre energia suficiente para estar confortável na imprevisibilidade.